

ANÁLISE DOS ASPECTOS FONOLÓGICOS, MORFOLÓGICOS E LEXICAIS DOS SINAIS PARA A COR VERDE NA LIBRAS

ANALYSIS OF PHONOLOGICAL, MORPHOLOGICAL, AND LEXICAL ASPECTS OF SIGNS FOR THE COLOR GREEN IN LIBRAS

Katherine Fischer¹

Universidade Federal do Paraná

André Nogueira Xavier²

Universidade Federal do Paraná

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar um recorte da dissertação de mestrado de Fischer (2024), com foco nos resultados da análise dos aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais dos sinais para a cor verde na libras. Os dados foram coletados a partir do Inventário Nacional do Desenvolvimento Linguístico da Libras (Quadros *et al.*, 2018) e analisados sob os aspectos fonológicos (variação e estabilidade), morfológicos (estrutura e formação) e lexicais (influência ou não do português). Os resultados mostraram variabilidade e estabilidade nos aspectos fonológicos dos sinais para a cor verde. O sinal VERDE, inicializado com a letra "V", mostrou estabilidade em características como orientação da palma, ponto de articulação e movimento, mas variações nas configurações das mãos e nas marcações não manuais. O sinal relacionado à cor do escarro manteve estabilidade em quase todos os aspectos, exceto no movimento da mão dominante. Nos aspectos morfológicos, foi identificado um sinal simples, sem influência do português, associado ao escarro, e sinais compostos, como o sinal que combina a letra "V" inicializada com o movimento da mão não dominante. Nos aspectos lexicais, foram encontrados sinais com e sem influência do português. O sinal sem influência do português, que faz referência ao escarro, é usado em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, enquanto o sinal influenciado pelo português é formado pela inicialização com a letra "V" e pertence à mesma família do sinal CARVÃO, que deu origem a um dos sinais para preto e outras cores, sendo registrado em 12 estados brasileiros.

Palavras-chave: Cor verde; Libras; Aspectos fonológicos; Aspectos morfológicos; Aspectos lexicais.

Abstract: The objective of this paper is to present an excerpt from Fischer's (2024) master's thesis, focusing on the results of the analysis of phonological, morphological, and lexical aspects of signs for the color green in Brazilian Sign Language (Libras). The data were collected from the National Inventory of the Linguistic Development of Libras (Quadros *et al.*, 2018) and analyzed in terms of phonological (variation and stability), morphological (structure and formation), and lexical (influence or not of Portuguese) aspects. The results showed both variability and stability in the phonological aspects of signs for the color green. The sign for GREEN, initialized with the letter "V," showed stability in characteristics such as palm

¹ Doutoranda e Mestra em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-graduada em Língua Brasileira de Sinais - Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Graduada em Letras Libras - Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Paraná. Email: kathe.fischer@gmail.com

² Doutorado em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio na University of New Mexico (UNM). Mestrado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Letras (Linguística e Português) pela Universidade de São Paulo (USP). Universidade Federal do Paraná. Email: andrexavierufpr@gmail.com

orientation, place of articulation, and movement, but variations in hand configurations and non-manual markers. The sign related to the color of sputum remained stable in almost all aspects, except for the movement of the dominant hand. Morphologically, a simple sign with no Portuguese influence, associated with sputum, was identified, as well as compound signs, such as the one combining the initialized letter "V" with the movement of the non-dominant hand. Lexically, signs with and without Portuguese influence were found. The sign without Portuguese influence, referring to sputum, is used in São Paulo, Santa Catarina, and Rio Grande do Sul, while the sign influenced by Portuguese is formed by the initialization with the letter "V" and belongs to the same family as the sign for CARVÃO, which gave rise to signs for black and other colors, recorded in 12 Brazilian states.

Keywords: Color green; Libras; Phonological aspects; Morphological aspects; Lexical aspects.

Submetido em 20 de novembro de 2024.

Aprovado em 21 de dezembro de 2024.

Introdução

As pesquisas sobre os termos para cores nas línguas de sinais têm crescido significativamente ao redor do mundo. Este artigo tem como foco a análise do recorte da dissertação de mestrado de Fischer (2024), com foco na análise dos aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais dos sinais para a cor verde na libras.

Berlin e Kay (1969) estabeleceram universais linguísticos implicacionais para a presença de termos de cores nas línguas, baseando sua análise em 98 línguas faladas. Eles definiram como termos básicos para cores aqueles que são monolexêmicos (compostos por um único morfema), de uso amplo e não derivados de empréstimos recentes ou restritos a objetos específicos. Com esses critérios, os autores limitaram os termos básicos de cor a 11 (branco, preto, vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, rosa, roxo e cinza), e observaram que, em línguas com poucos termos, outras estratégias como composição, derivação ou empréstimos são usadas para expressar uma gama maior de cores.

Woodward (1989) realizou uma pesquisa comparando termos para cores em 10 línguas de sinais, escolhidas por não apresentarem afiliações históricas ou genéticas entre si. O autor identificou variações entre línguas de sinais quanto ao uso de sinais formados sem influência da língua oral para cores e empréstimos linguísticos. Na ASL (Língua de Sinais Americana), a maioria dos sinais para cores é formada com influência do inglês, havendo, portanto, poucos sinais formados sem influência da língua oral. Por

outro lado, na Língua de Sinais Indiana (ISL), os formados sem influência para cores superaram os emprestados da língua oral (Figura 1).

Figura 1. Termos para cores em 10 línguas de sinais.

TERMOS NATIVOS EM CORES BÁSICAS DE 10 LÍNGUAS DE SINAIS					
L S VARIEDADE	TERMOS EM CORES BÁSICAS DE LÍNGUAS				
ILHA DE PROVIDÊNCIA		PRETO		BRANCO	
ASL	(CINZA)	PRETO	VERMELHO*	BRANCO	
FSL		PRETO	VERDE+AZUL**		
CHINA CONTINENTAL		PRETO	VERMELHO	AMARELO	
HONG KONG		PRETO	VERMELHO	AMARELO	VERDE
		BRANCO		AZUL	
INDIANA	(CINZA)	PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	
				AZUL	
ARÁBIA SAUDITA		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	
				AZUL	
JAPONESA		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	ROXO
				AZUL	
TAIWANESE		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	ROXO
				AZUL	
AUSTRALIANA		PRETO	VERMELHO	AMARELO	MARROM
		BRANCO		VERDE	ROXO
				AZUL	ROSA

Fonte: traduzido de Woodward (1989, p. 149).

O presente artigo tem como objetivo principal reportar os resultados obtidos por Fischer (2024) através da análise de aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais dos sinais que expressam a cor VERDE na libras. Ele está organizado da seguinte maneira: a próxima seção apresenta uma revisão da literatura sobre os aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais das línguas de sinais, com foco na libras, para fundamentar a análise das variantes do sinal para a cor verde. Em seguida, detalhamos os procedimentos metodológicos utilizados e apresentamos os resultados obtidos. Por fim, finalizamos com as considerações finais, nas quais destacamos os principais achados sobre as formas de expressão da cor verde em libras.

1. Revisão de literatura

1.1 Aspectos fonológicos

O linguista Stokoe (1960) foi o primeiro a demonstrar que a ASL e, de maneira geral, todas as línguas de sinais, também segue o princípio da dupla articulação, uma característica das línguas naturais, tal como apontado por Hockett (1960). Ele mostrou que os sinais, que são as unidades com significado, podem ser divididos em unidades

menores, que, sozinhas, não possuem significado, mas desempenham a função de distinguir diferentes significados, assim como ocorre nas línguas orais.

As três unidades distintivas, também chamadas de parâmetros, identificadas por Stokoe (1960) para a formação de um sinal são: a configuração das mãos (posição dos dedos), a localização (ponto de articulação) e o movimento (como as mãos se movem). Battison (1978) acrescentou outro parâmetro, a orientação da palma, e Brennan (1992) identificou as expressões faciais e corporais, conhecidas como marcações não manuais (MNM).

Os parâmetros propostos por Stokoe (1960) e outros pesquisadores foram baseados na identificação de pares mínimos, ou seja, pares de sinais que diferem em apenas um parâmetro. Xavier e Barbosa (2017) apresentam como exemplo de par mínimo na libras, com contraste na configuração das mãos, os sinais AMAREL@ e GRÁTIS (Figura 2). Ambos os sinais apresentam a mesma localização (centro da face), o mesmo movimento (reto e para baixo), a mesma orientação (palma lateral) e as mesmas marcações não manuais.

Figura 2. Exemplo de par mínimo envolvendo a configuração de mão na libras.



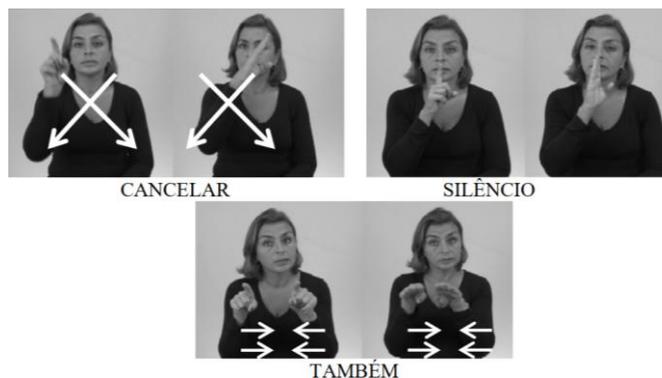
Fonte: reproduzida de Xavier e Barbosa (2017, p. 987).

A ocorrência de variação fonológica foi observada por Stokoe (1960), que a definiu como as diferentes formas de um mesmo parâmetro de um sinal, sem que haja alteração em seu significado.

Variação fonológica

Xavier e Barbosa (2017) apresentam exemplos de sinais na libras que variam em sua configuração de mão, como CANCELAR, SILÊNCIO e TAMBÉM. Esses sinais podem ser produzidos com a mão na forma de 1 (☞) ou em B (☞). Embora essa variação seja distintiva nos sinais AMAREL@ e GRÁTIS, ela não altera o significado nos sinais mencionados (Figura 3).

Figura 3. Exemplos de sinais que variam em sua configuração de mão na libras.



Fonte: reproduzida de Xavier e Barbosa (2017, p. 987).

Xavier e Barbosa (2014) apresentam diferentes padrões de variação: sete formas na configuração dos sinais, duas na localização e no movimento, e uma na orientação, nas marcações não manuais e no número de mãos (Figura 4).

Figura 4. Diferentes padrões de variação fonológica por parâmetro.

Configuração de Mão		Localização	Movimento	Orientação	MNM	No. Mãos
Configurações diferentes	Nativas (CANCELAR)	Centro ou extremidade ipsilateral da testa (ALÍVIO)	Com ou sem (OITO)	Para frente ou para o lado (LETRA-A)	Com ou sem (ESTADOS-UNIDOS)	Uma ou duas (CAFÉ)
	Nativa e inicializada (PESSOA)					
Uma ou duas configurações (NATAL)						
Metátese (diferentes ordens para as configurações) (COMPRAR)		Alta ou baixa no rosto (ENTENDER)	Movimentos Diferentes (GORD@)			
Distensão ou não do polegar (FARMÁCIA)						
Distensão ou não do dedo mínimo (SACRIFÍCIO)						
Mão passiva assimila ou não configuração da mão ativa (SOCIEDADE; TEXTO)						
Mão passiva apresenta diferentes configurações (VIDRO)						

Fonte: reproduzida de Xavier e Barbosa (2017, p. 989).

Conforme ilustrado na Figura 5, Xavier e Barbosa (2014) apresentam exemplos de sinais que variam em localização, movimento, orientação, marcações não manuais e número de mãos. No caso da localização, o sinal ENTENDER é produzido de duas formas: com a mão em contato com a têmpora ou com a bochecha ipsilateral (Figura 5a). Os sinais GORD@, LETRA A, ESTADOS UNIDOS e ACEITAR também apresentam variação em diferentes parâmetros, como movimento, orientação, marcações não manuais e número de mãos. No caso de GORD@ (Figura 5b), há variação no movimento, na orientação, nas marcações não manuais e no número de mãos. Já o sinal LETRA A (Figura 5c) pode ser produzido com a palma para frente ou para o lateral. No caso de ESTADOS UNIDOS (Figura 5d), a variação ocorre na marcação não manual, com ou sem a bochecha inflada. Por fim, ACEITAR (Figura 5e) pode ser feito com uma ou duas mãos.

Figura 5. Exemplos de sinais que variam em sua localização, movimento, orientação de palma, marcações não manuais e número de mãos.



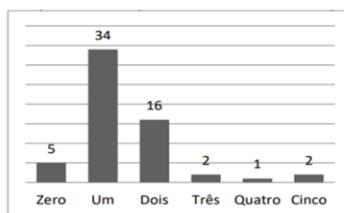
Fonte: reproduzida de Xavier e Barbosa (2014, p. 384).

Estabilidade fonológica

Xavier e Barbosa (2014) apresentam resultados de seu estudo sobre variabilidade e estabilidade na produção de sinais da libras por meio da análise de 60 sinais produzidos três vezes por 12 sinalizantes surdos adultos (seis homens e seis mulheres), nascidos e residentes na cidade de São Paulo. O estudo revela que um mesmo sinal pode variar em múltiplos parâmetros, de forma individual ou simultânea.

O Gráfico 1 ilustra esse resultado, evidenciando que, embora a maioria dos sinais analisados pelos autores tenha apresentado variação em apenas um parâmetro, há um número significativo de sinais que variaram em dois parâmetros, além de outros que apresentaram variações em até cinco parâmetros distintos.

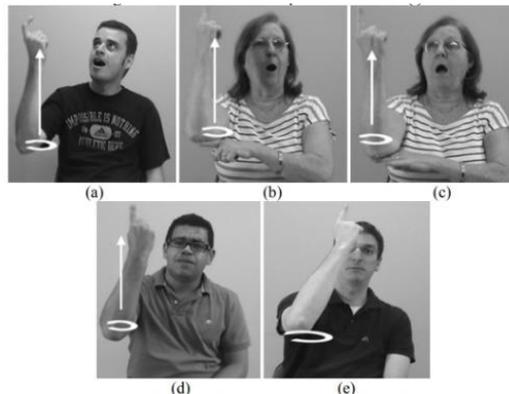
Gráfico 1. Números de sinais por número de parâmetros articulatórios em que apresentaram variação.



Fonte: reproduzido de Xavier e Barbosa (2017, p. 990).

Xavier e Barbosa (2017) identificaram um exemplo de sinal que apresenta variação em quatro parâmetros: o sinal ALT@, em sua configuração, tanto nas mãos ativa quanto passiva. A mão ativa pode ser realizada em 1 (👉) estendido ou em gancho, enquanto a mão passiva pode aparecer em 1 (👉) ou em B (👉). O movimento do sinal pode ser feito para cima, em círculo, ou exclusivamente em círculo. As marcações não manuais podem incluir um olhar para o lado ou para cima, ou ainda podem estar ausentes. Em relação ao número de mãos, o sinal pode ser realizado com uma ou duas mãos (Figura 6).

Figura 6. Diferentes realizações do sinal ALT@.



Fonte: reproduzida de Xavier e Barbosa (2014, p. 403).

Apesar da variabilidade observada no sinal ALT@, os autores também identificaram estabilidade em todas as produções desse sinal. Embora o dedo indicador da mão dominante (md) possa variar quanto à flexão nas juntas distal e medial (formando o gancho), ele está presente em todas as produções.

Como se pode ver na Figura 7, há variabilidade e estabilidade em alguns aspectos nas diferentes pronúncias do sinal ALT@. Os aspectos destacados em azul indicam que são estáveis e estão relacionados ao dedo indicador da mão dominante

(md) em posição 1, que pode variar entre estendido ou em gancho. A orientação da mão não dominante (mnd), que normalmente é voltada para baixo, pode não se manifestar em algumas produções. A localização no peito, o movimento circular da mão dominante (md) e a participação dessa mão em todas as produções são também aspectos estáveis, sendo importante ressaltar que em nenhuma produção o sinal é realizado exclusivamente com a mão não dominante. Quanto às marcações não manuais, estas não são obrigatórias, permitindo uma maior variação em sua ocorrência.

Figura 7. Variabilidade e estabilidade nas diferentes pronúncias de ALT@.

Figura		CM	CM	OR	LOC		MOV		MNM		Núm. de	
		md	mnd	mnd	md	mnd					mãos	
(4a)	1	indicador em gancho	-		peito	ombro	reto para cima	circular	para cima	boca aberta	md	
(4b)	1	-	1	para baixo	peito	ombro	reto para cima	circular	-	boca aberta	md	mnd
(4c)	1	-	B	para baixo	peito	ombro	reto para cima	circular	para cima	boca aberta	md	mnd
(4d)	1	-	-		peito	ombro	reto para cima	circular	-	-	md	
(4e)	1	-	-		peito	-	-	circular	-	-	md	

Fonte: reproduzida de Xavier e Barbosa (2017, p. 992).

1.2 Aspectos morfológicos

Fischer (2024) explica que os sinais podem ser morfológicamente classificados em simples e compostos, sendo que os sinais simples são formados por um único elemento significativo, enquanto os compostos são formados por mais de um.

Sinais simples

Segundo Xavier e Ferreira (2021), os sinais simples consistem em um único sinal, correspondendo a uma única unidade significativa ou morfema. Isso pode ser exemplificado pelo sinal BABY, que significa 'bebê' na ASL (Figura 8), em cuja representação as chaves { } delimitam a unidade significativa, ou morfêmica, conforme ilustrado na representação da Figura 9.

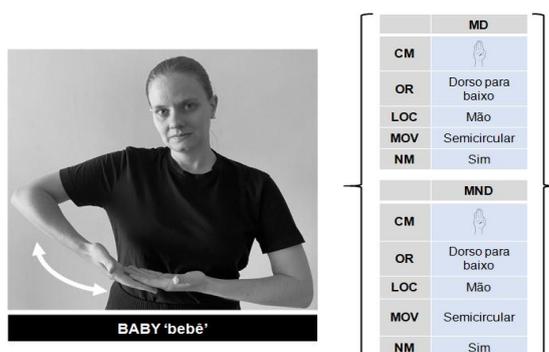
Figura 8. Exemplo de sinal simples.



BABY 'bebê'

Fonte: reproduzida de Klima e Bellugi (1979, p. 32) *apud* Xavier e Ferreira (2021, p. 125).

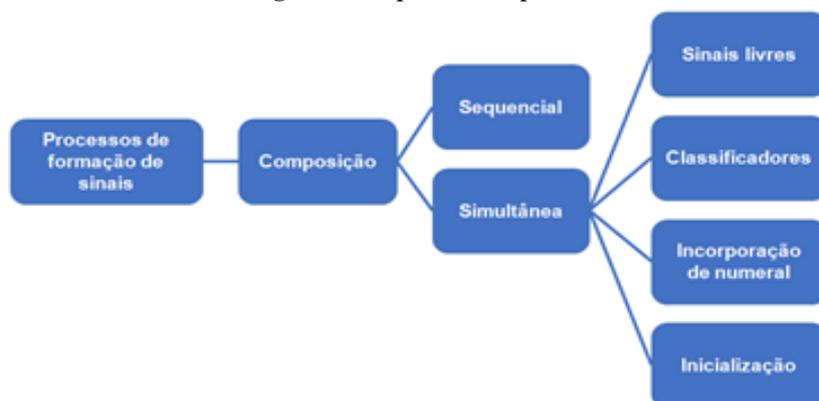
Figura 9. Representação da estrutura morfêmica do sinal BABY 'bebê' da ASL.



Fonte: criada pela Fischer (2024, p. 32) com base em Xavier e Ferreira (2021, p. 125).

Sinais compostos

Meir (2012) observa que, assim como nas línguas orais, as línguas de sinais criam novos itens lexicais por meio de processos como 'afixação', 'composição' e 'reduplicação'. No entanto, as línguas de sinais se distinguem das línguas orais, pois esses processos não ocorrem apenas de forma sequencial, mas também simultaneamente (Figura 10). Nos compostos simultâneos, cada mão pode representar um morfema distinto ou dois morfemas podem ser produzidos ao mesmo tempo por ambas as mãos. Meir (2012) lista quatro formas principais de manifestação. Em uma delas, as partes podem ser ocorrer isoladamente, portanto, constituem morfemas livres. Em outra, ambas as partes são classificadores, ou seja, configurações de mão que indicam objetos, suas características ou ações e que não podem ocorrer isoladamente. A terceira forma refere-se à incorporação de numerais, onde a configuração das mãos é modificada para expressar um número específico. Por fim, a quarta forma diz respeito à inicialização, na qual a configuração da mão é alterada por uma pertencente do alfabeto manual, com a finalidade de representar a letra inicial de uma palavra escrita semanticamente correspondente em português.

Figura 10. Tipos de compostos.

Fonte: adaptada de Xavier e Ferreira (2021, p. 124).

Meir (2012), *apud* Xavier e Ferreira (2021), apresenta o sinal HEMATONA da ASL como um exemplo de composição sequencial, formado pela combinação dos sinais BLUE ‘azul’ e SPOT ‘lugar’ (Figura 11). Essa estrutura morfológica é claramente ilustrada na Figura 12, onde as chaves { } indicam os morfemas que compõem o composto, enquanto a disposição linear dos sinais e a seta (→) evidenciam sua sequencialidade.

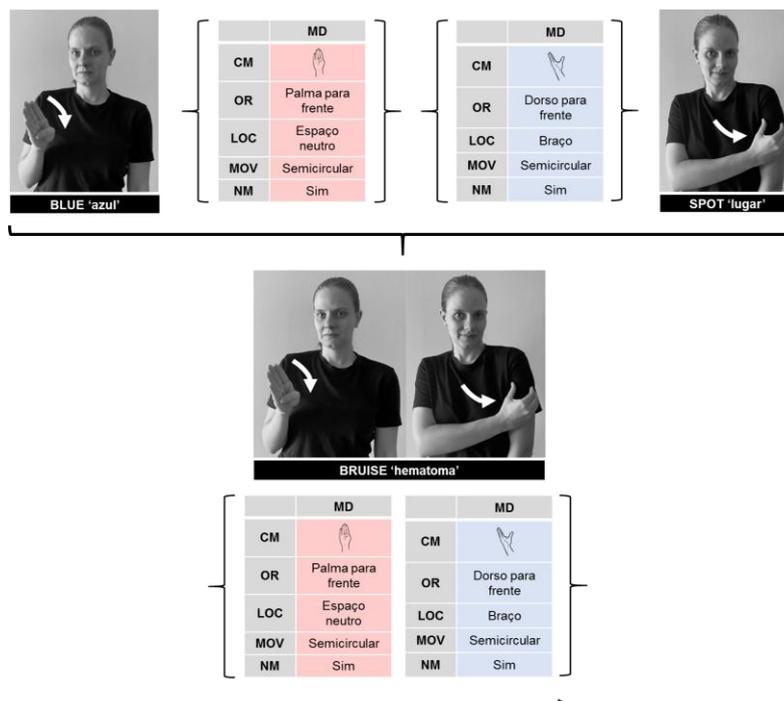
Figura 11. Exemplo de composto sequencial na ASL.

BLUE ‘azul’ SPOT ‘lugar’

BRUISE ‘hematoma’

Fonte: reproduzida de Meir (2012, p. 98) *apud* Xavier e Ferreira (2021, p. 125).

Figura 12. Representação da estrutura morfêmica do sinal BRUISE ‘hematoma’ da ASL.



Fonte: criada pela Fischer (2024, p. 33) com base em Xavier e Ferreira (2021, p. 125).

Meir (2012), *apud* Xavier e Ferreira (2021), ilustra a inicialização na ASL, um dos tipos de composição simultânea, através de sinais derivados de FAMILY ‘família’, a saber, ASSOCIATION ‘associação’, TEAM ‘time’ e DEPARTMENT ‘departamento’, todos originados do sinal GRUPO ‘grupo’. Como se pode depreender das imagens na Figura 13, a derivação de tais sinais decorreu da substituição da configuração de mão de FAMILY ‘família’ por uma que, no alfabeto manual, corresponde à letra inicial da palavra correspondente em inglês.

Figura 13. Exemplo de composto simultâneo formado por inicialização de uma base na ASL.



Fonte: reproduzida de Handspeak (1995-2021) *apud* Xavier e Ferreira (2021, p. 127).

A Figura 14 ilustra a estrutura morfológica de sinais inicializados, que é similar à dos sinais com incorporação numeral, com a diferença de que, no sinal FAMILY ‘família’, ambas as mãos produzem simultaneamente elementos dos sinais que o compõem. Nesse sinal, a orientação (OR), a localização (LOC), o movimento (MOV) e o número de mãos (NM) do sinal GROUP ‘grupo’ são produzidos simultaneamente à configuração de mão (CM) do sinal LETTER F ‘letra F’ da ASL.

Figura 14. Representação da estrutura morfológica do sinal FAMILY ‘família’ da ASL.



Fonte: criada pela Fischer (2024, p. 39) com base em Xavier e Ferreira (2021, p. 127).

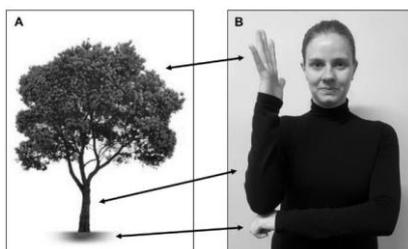
1.3 Aspectos lexicais

Os aspectos lexicais podem ser classificados de acordo com a origem dos sinais. Precisamente, pode-se distinguir entre sinais da libras aqueles que são formados sem influência do português daqueles que são formados com influência do português.

Sinais formados sem influência do português

Os sinais formados sem influência do português são aqueles criados pela comunidade surda de maneira independente, sem interferência de outras línguas. Ao contrário dos empréstimos linguísticos, que adaptam aspectos gráficos de palavras da língua oral majoritária, esses sinais possuem uma iconicidade baseada em características visuais ou sensoriais do conceito que expressam. Klima e Bellugi (1979) foram pioneiros no estudo da iconicidade nas línguas de sinais, definindo-a como uma relação direta entre a forma do sinal e seu significado. Um exemplo dessa relação é o sinal TREE ‘árvore’ na ASL (Figura 15), onde a mão de apoio representa o solo, o antebraço, o tronco, e a mão dominante, os galhos da árvore.

Figura 15. Correspondência entre aspectos imagéticos do conceito “árvore” e o sinal que o representa em ASL.



Fonte: adaptada de Fischer *et al.* (2022, p. 8) com base em Taub (2004, p. 29).

Klima e Bellugi (1979) afirmam que os sinais não são universais, o que significa que, embora haja uma relação icônica, ela não define de forma única a estrutura do sinal. Ou seja, a forma dos sinais varia entre as línguas sinalizadas, pois cada cultura escolhe diferentes características para representar um mesmo conceito. Os autores ilustram isso ao comparar os sinais para "árvore" na ASL, na língua de sinais dinamarquesa e na língua de sinais chinesa (Figura 16).

Figura 16. Sinal ÁRVORE em três línguas de sinais diferentes.



Fonte: reproduzida de Klima e Bellugi (1979, p. 21) *apud* Fischer (2021, p. 22).

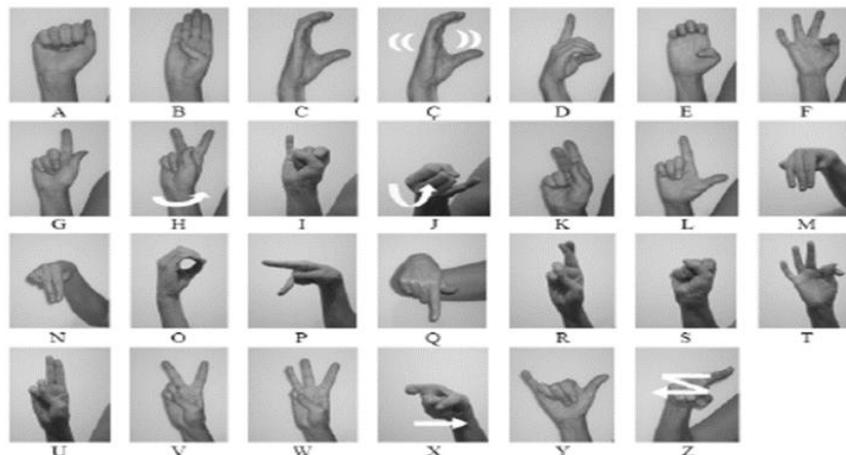
Sinais formados com influência do português

Os sinais formados com influência da língua oral majoritária são aqueles criados pela comunidade surda por meio da incorporação, em geral, de aspectos gráficos de palavras correspondentes, no caso dos surdos brasileiros, no português. Trata-se, portanto, de uma forma de empréstimo linguístico, que normalmente acontece quando falantes ou sinalizantes de uma língua recorrem a palavras ou sinais de outra língua para representar conceitos que ainda não possuem uma forma convencionalizada.

Adam (2012), *apud* Xavier e Batista-Souza (2023), explica que, devido à diferença de modalidade entre as línguas de sinais e as línguas orais – ou seja, pela forma distinta de produção e percepção – o alfabeto manual (Figura 17) se torna um dos

principais recursos utilizados pelas línguas de sinais para incorporar elementos da língua oral majoritária.

Figura 17. Alfabeto manual da libras.



Fonte: reproduzida de Xavier e Agrella (2015, p. 146) *apud* Xavier e Batista-Souza (2023, p. 312).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), *apud* Xavier e Batista-Souza (2023), os casos mais comuns de uso da soletração manual ocorrem quando se faz referência a nomes próprios, endereços e termos técnicos, como mostrado na Figura 18.

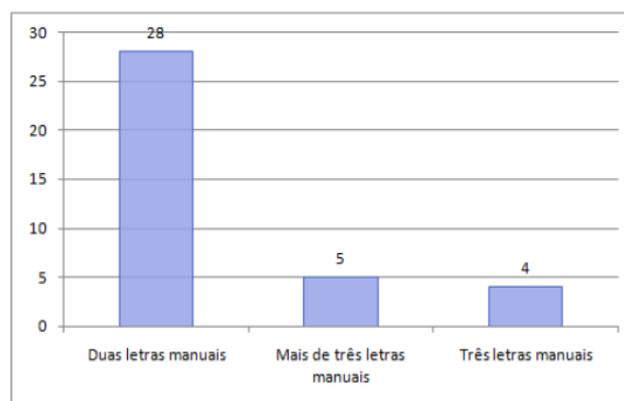
Figura 18. Exemplo de termo técnico expresso por meio da soletração manual.



Fonte: reproduzida de Quadros e Karnopp (2004, p. 88) *apud* Xavier e Batista-Souza (2023, p. 213).

Xavier e Batista-Souza (2023) observam, com base no dicionário de Capovilla e Raphael (2001), que sinais formados por duas letras manuais são os mais comuns, embora também haja sinais com mais de duas letras, como apresentado no Gráfico 2.

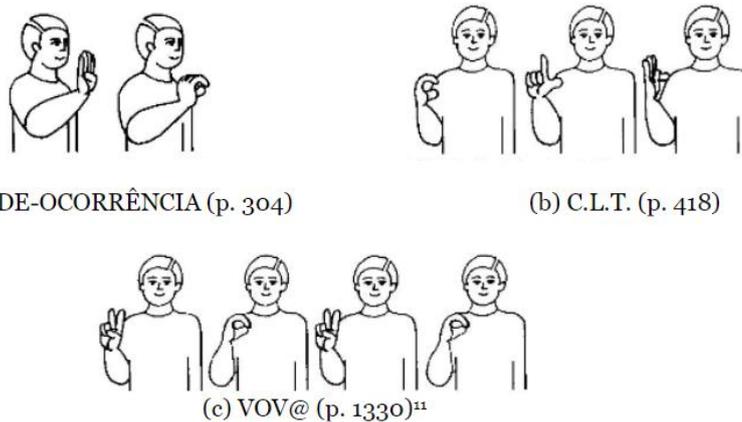
Gráfico 2. Empréstimos da libras formados a partir da soletração manual classificados pelo número de letras.



Fonte: reproduzido de Xavier e Batista-Souza (2023, p. 317).

Xavier e Batista-Souza (2023) reportam a ocorrência de diferentes tipos de sinais formados por letras do alfabeto manual na libras. Entre eles, sinais como BOLETIM-DE-OCORRÊNCIA, formado por duas letras manuais (B e O) (Figura 19a); como CLT, por três letras manuais (Figura 19b); e o sinal VOV@, formado por quatro letras manuais (Figura 19c).

Figura 19. Exemplos de empréstimos do português na libras formados a partir da soletração manual.



(a) BOLETIM-DE-OCORRÊNCIA (p. 304)

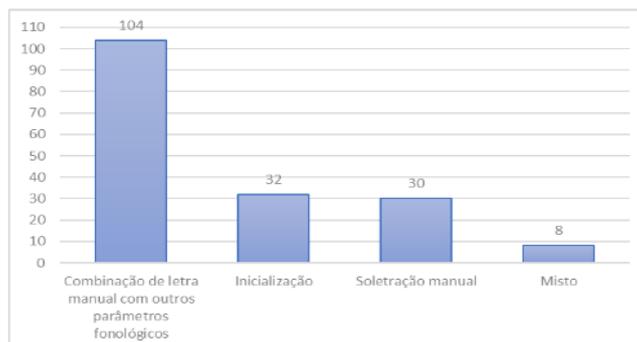
(b) C.L.T. (p. 418)

(c) VOV@ (p. 1330)¹¹

Fonte: reproduzida de Capovilla e Raphael (2001) *apud* Xavier e Batista-Souza (2023, p. 318).

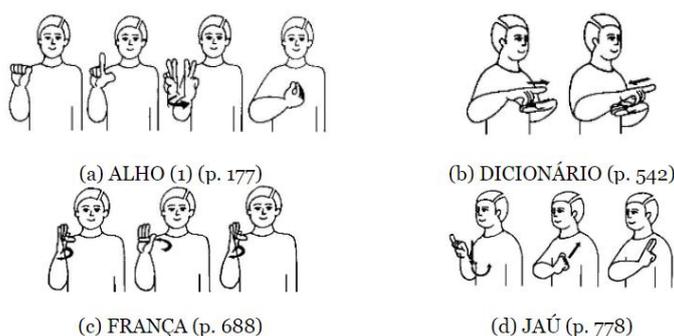
Xavier e Batista-Souza (2023) identificam, além da soletração, outros padrões morfológicos (Gráfico 3). O mais frequente é a combinação de uma letra manual com outros parâmetros fonológicos da libras, como em FRANÇA (Figura 20c). Em seguida, os sinais inicializados, como DICIONÁRIO (Figura 20b), e, depois, a soletração, como em ALHO (Figura 20a). Por último, os sinais mistos, como JAÚ (Figura 20d), combinação de soletração com o contato do sinal com o corpo.

Gráfico 3. Frequência dos diferentes tipos de empréstimos do português na libras.



Fonte: reproduzido de Xavier e Batista-Souza (2023, p. 320).

Figura 20. Exemplos dos diferentes tipos de empréstimos do português na libras.



Fonte: reproduzida de Capovilla e Raphael (2001) *apud* Xavier e Batista-Souza (2023, p. 321).

2. Método

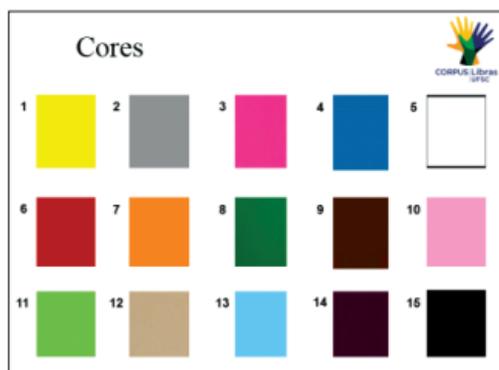
2.1 Fonte de dados

A análise sobre os sinais de cores em libras foi realizada com base no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), conforme apresentado na obra "Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro" (Quadros *et al.*, 2018). O INDL reúne uma variedade de produções linguísticas, incluindo narrativas, entrevistas e vocabulários baseados na lista de *Swadesh*, coletadas de surdos de diferentes idades e gêneros na região da Grande Florianópolis, além de contribuições de 35 surdos de referência de 16 estados do Brasil. Para este estudo, a análise foi restrita aos sinais de cores produzidos pelos surdos de referência.

A coleta dos sinais de cores foi realizada através da apresentação de imagens (Figura 21) por um surdo da comunidade local. Após visualizarem as imagens, os participantes, de forma individual, produziam os sinais correspondentes às cores

apresentadas.

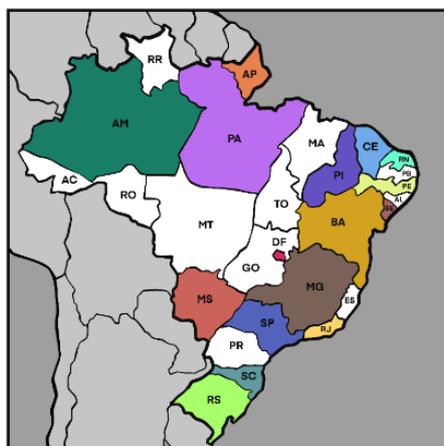
Figura 21. Estímulos empregados para eliciação de cores em libras.



Fonte: reproduzida de Quadros *et al.* (2018, p. 55).

A participação dos surdos de referência na formação do INDL abrange quinze estados brasileiros e o Distrito Federal, sendo distribuídos da seguinte maneira: quatro da região Norte, seis da região Nordeste, três da região Sudeste, dois da região Centro-Oeste e dois da região Sul (Figura 22). A escolha desses 35 surdos, que incluem profissionais como pesquisadores, professores e ativistas do movimento surdo, se deu pelo reconhecimento de sua liderança dentro da própria comunidade surda. Como relatado por Quadros *et al.* (2018), esses surdos de referência têm papéis de destaque, liderando diversas atividades e iniciativas em diferentes áreas sociais, como política, educação, intelectualidade e ação comunitária.

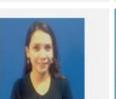
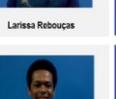
Figura 22. Estados brasileiros abrangidos pelo INDL.



Fonte: Fischer (2024, p. 58).

Os dados analisados abrangem produções de 18 mulheres e 13 homens surdos (Figura 23), provenientes de 16 estados brasileiros.

Figura 23. Surdos de referência.

Estado	Surdos de Referência	Estado	Surdos de Referência	Estado	Surdos de Referência	Estado	Surdos de Referência	Estado	Surdos de Referência	Estado	Surdos de Referência
1 AM	 Jakson da Silva Vale	2 AP	 Gabriel Leis Cordeiro do Carmo	3 BA	 Fabíola Morais Barbosa	19 RJ	 Patrícia Luiza Rezende	20 RN	 José Arnor de Lima Junior	21 RN	 Sédina dos Santos Jales Ferreira
4 BA	 Priscilla Leonor Alencar Ferreira	5 CE	 Rodrigo Nogueira Machado	6 DF	 Messias Ramos Costa	22 RN	 Simone Patrícia Soares de Souza	23 RJ	 Tíberia Mainéri	24 SC	 André Reichert
7 MG	 Antônio Abreu Campos	8 MG	 Flaviane Reis	9 MG	 Marisa Dias Lima	25 SC	 Débora Campos Wanderley	26 SC	 Deonísio Schmitt	27 SC	 Fernanda de Araújo Machado
10 MG	 Shirley Vilhalva	11 PA	 Giselle Pedreira de Mello Carvalho	12 PA	 Raimundo Cleber Teixeira Couto	28 SC	 Karin Strobel	29 SC	 Marianne Rossi Stumpf	30 SC	 Simone Gonçalves de Lima e Silva
13 PE	 Antônio Carlos Cardoso	14 PE	 Thiago Ramos de Albuquerque	15 PI	 Kelly Samara Pereira Lemos	31 SE	 Larissa Rebouças	32 SP	 Paulo Vieira	33 SP	 Rimar Ramalho Segala
16 RJ	 Ana Regina de Souza Campello	17 RJ	 Myrna Salerno	18 RJ	 Nelson Pimenta de Castro	34 SP	 Sandro dos Santos Pereira	35 SP	 Sylvia Lia Grespan Neves		

Fonte: adaptado de INDL (2018, p. 73 a 82), pela Fischer (2024, p. 59 e 60).

2.2 Critérios de exclusão e inclusão

No *corpus* de libras da UFSC, foram encontrados dados sobre os sinais de cores de 31 dos 35 surdos de referência. Assim, foram excluídos da análise os seguintes participantes: (a) Antônio Carlos Cardoso – PE, (b) Fabíola Morais Barbosa – BA, (c) Nelson Pimenta de Castro – RJ e (d) Sandro dos Santos Pereira – SP. No entanto, conforme mostrado no Quadro 1, essa exclusão não impactou o número de estados representados no INDL.

Quadro 1. Surdos de referência incluídos e excluídos da análise por estado.

	Estado	Surdos de Referência	Vídeo
1	AM	Jakson da Silva Vale	Analisado
2	AP	Gabriel Lelis Cordeiro do Carmo	Analisado
3	BA	Fabiola Morais Barbosa	Não encontrado
		Priscilla Leonor Alencar Ferreira	Analisado
4	CE	Rodrigo Nogueira Machado	Analisado
5	DF	Messias Ramos Costa	Analisado
6	MG	Antônio Abreu Campos	Analisado
		Flaviane Reis	Analisado
		Marisa Dias Lima	Analisado
7	MS	Shirley Vilhalva	Analisado
8	PA	Giselle Pedreira de Mello Carvalho	Analisado
		Raimundo Cleber Teixeira Couto	Analisado
9	PE	Antônio Carlos Cardoso	Não encontrado
		Thiago Ramos de Albuquerque	Analisado
10	PI	Kelly Samara Pereira Lemos	Analisado
11	RJ	Ana Regina de Souza Campello	Analisado
		Myrna Salerno	Analisado
		Nelson Pimenta de Castro	Não encontrado
		Patrícia Luiza Rezende	Analisado
12	RN	José Arnor de Lima Junior	Analisado
		Sédina dos Santos Jales Ferreira	Analisado
		Simone Patrícia Soares de Souza	Analisado
13	RS	Tibiriça Mainéri	Analisado
14	SC	André Reichert	Analisado
		Débora Campos Wanderley	Analisado
		Deonísio Schmitt	Analisado
		Fernanda de Araújo Machado	Analisado
		Karin Strobel	Analisado
		Marianne Rossi Stumpf	Analisado
15	SE	Larissa Rebouças	Analisado
16	SP	Paullo Vieira	Analisado
		Rimar Ramalho Se gala	Analisado
		Sandro dos Santos Pereira	Não encontrado
		Sylvia Lia Grespan Neves	Analisado

Fonte: Fischer (2024, p. 61 e 62).

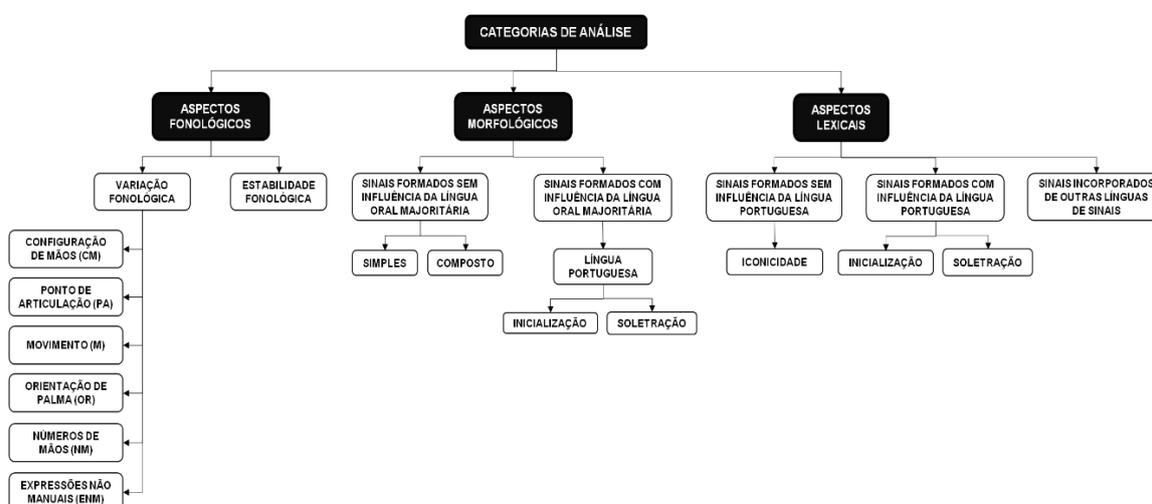
Os dados do INDL incluem estímulos para 15 cores, mas algumas respostas foram excluídas para atender aos critérios de Berlin e Kay (1969). Foram descartadas respostas que não correspondiam às cores básicas definidas pelos autores, como bege, ou que usavam termos não originalmente relacionados a cores, como vinho e salmão. Além disso, foram eliminadas palavras compostas, como rosa claro, verde escuro e outras combinações. Dessa forma, o conjunto final de cores analisadas ficou com 11

cores: preto, branco, vermelho, amarelo, verde, azul, marrom, laranja, roxo, rosa e cinza. Neste artigo, o foco será na cor VERDE.

2.3 Categorias de análise

A análise foi organizada em três aspectos principais: fonológicos, morfológicos e lexicais. Dentro dos aspectos fonológicos, as categorias foram divididas em duas subcategorias: variação fonológica (que abrange configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma, número de mãos e marcações não manuais) e estabilidade fonológica. Quanto aos aspectos morfológicos, a divisão foi em sinais simples e sinais compostos. No que diz respeito aos aspectos lexicais, será analisado se os sinais (a) são formados sem influência do português, (b) têm influência do português, ou (c) foram incorporados de outras línguas de sinais. Para os sinais formados sem influência do português, vamos usar etimologias populares, baseadas no conhecimento adquirido por meio do convívio com a comunidade surda, para explicar a origem de cada sinal. No entanto, é importante destacar que, embora essas etimologias tenham um valor cultural, a falta de registros históricos significa que essas explicações devem ser vistas como hipóteses, não como certezas. Todo esse processo de análise está ilustrado na Figura 24.

Figura 24. Categorias de análise.



Fonte: Fischer (2024, p. 63).

Resultados

3.1 Aspectos fonológicos

Variação fonológica

Para a cor verde, foram identificadas duas variantes lexicais, ambas com variação fonológica. O sinal VERDE (letra V) apresentou diferenças na configuração das mãos, podendo ser realizado com os dedos formando a letra V (✋) (Figura 25a) ou com o V em forma de gancho (🤏) (Figura 25b). Esses dados estão representados no Gráfico 4.

Figura 25. Variantes fonológicas do sinal VERDE (letra V) relacionadas à configuração da mão dominante.



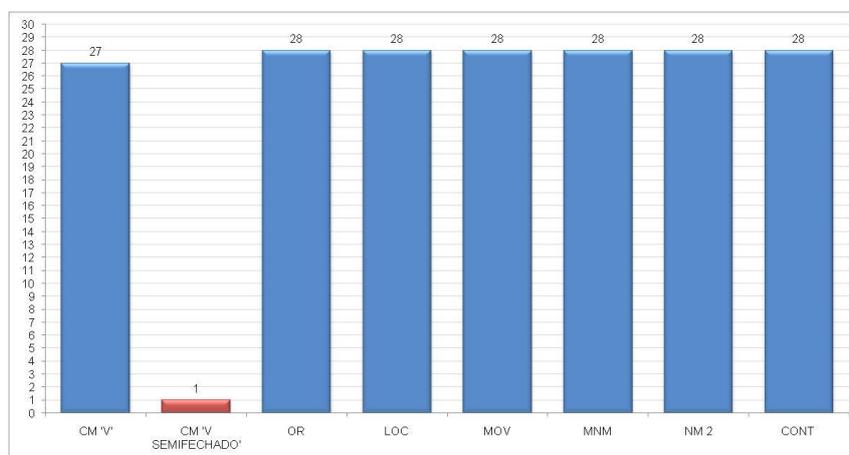
(a)

(b)

VídeoVídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 72).

Gráfico 4. Variação fonológica no sinal VERDE (letra V).



Fonte: Fischer (2024, p. 73).

O segundo sinal para a cor verde, relacionado ao escarro, apresentou variações fonológicas no movimento. Alguns sinalizantes executaram um movimento retilíneo

curto para a frente, sem repetição (Figura 26a), enquanto outros realizaram um movimento semelhante, mas para trás, também sem repetição, sendo o oposto do movimento mostrado na Figura 26a (Figura 26b). Além disso, houve variação com um movimento retilíneo curto, porém com duas repetições (Figura 26c). Esses resultados estão ilustrados no Gráfico 5.

Figura 26. Variantes fonológicas do sinal VERDE (escarro) relacionadas ao movimento.



(a)

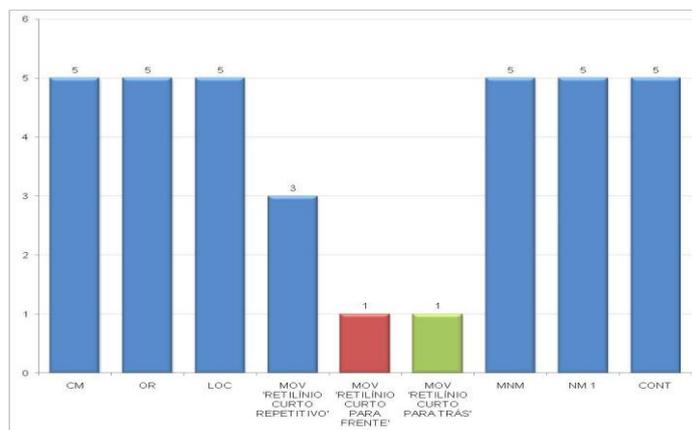
(b)

(c)

VídeoVídeoVídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 73).

Gráfico 5. Variação fonológica no sinal VERDE (escarro).



Fonte: Fischer (2024, p. 73).

Estabilidade fonológica

No Quadro 2, estão apresentados os sinais para a cor verde (letra V). É possível notar consistência em aspectos como a orientação da palma, o ponto de articulação, o movimento, o número de mãos e o contato. No entanto, há diferenças na configuração das mãos e nas marcações não manuais.

Quadro 2. Estabilidade nas diferentes produções do sinal VERDE (letra V).

SURDO DE REFERÊNCIA	CM		OR		LOC	MOV		MNM	Nº MÃOS		CONT
	MD	MND	MD	MND		MD	MND		MD	MND	
			PARA BAIXO	NÃO	MÃO	RETILÍNIO CURTO REPETITIVO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM
			PARA BAIXO	NÃO	MÃO	RETILÍNIO CURTO REPETITIVO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM
			PARA BAIXO	NÃO	MÃO	RETILÍNIO CURTO REPETITIVO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM

Fonte: Fischer (2024, p. 88).

No Quadro 3 seguinte, apresentamos a análise do sinal para verde associado ao escarro. Nesse caso, a maior parte dos aspectos permanece estável, exceto no movimento da mão dominante.

Quadro 3. Estabilidade nas diferentes produções do sinal VERDE (escarro).

SURDO DE REFERÊNCIA	CM		OR		LOC	MOV		MNM	Nº MÃOS		CONT
	MD	MND	MD	MND		MD	MND		MD	MND	
		NÃO	PARA FRENTE	NÃO	QUEIXO	RETILÍNIO CURTO PARA FRENTE	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM
		NÃO	PARA FRENTE	NÃO	QUEIXO	RETILÍNIO CURTO PARA TRÁS	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM
		NÃO	PARA FRENTE	NÃO	QUEIXO	RETILÍNIO CURTO REPETITIVO	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	SIM

Fonte: Fischer (2024, p. 88).

3.2 Aspectos morfológicos

Sinais simples

Foi identificado um sinal simples para a cor verde, formado sem a influência do português (Figura 27).

Figura 27. Sinais simples para a cor VERDE na libras.



(a)

Vídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 95).

Sinais compostos

De acordo com Fischer (2024), a composição simultânea é o processo de formação mais comum entre os sinais referentes a cores na libras. Segundo a mesma autora, o sinal inicializado para a cor verde (letra V) é um exemplo de composto simultâneo (Figura 28). Trata-se de uma inicialização, dado que se forma a partir da alteração da configuração de mão do sinal CARVÃO, também usado para designar a cor preta (Figura 29), pela configuração correspondente no alfabeto manual à inicial da palavra do português. Como mostrado na representação na Figura 30, enquanto a mão dominante executa o sinal da letra V, a mão não dominante realiza parte do sinal CARVÃO.

Figura 28. Sinal inicializado para cor VERDE da libras.



Vídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 97).

Figura 29. Sinal CARVÃO/PRETO da libras



Vídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 102).

Figura 30. Representação do sinal inicializado na cor VERDE (letra V).

SINAL 'CARVÃO'		
	MD	MND
CM		
OR	Lateral	Para baixo
LOC	Dorso da mão passiva	Espaço neutro
MOV	Retilíneo curto repetitivo	Sem movimento
NM	2	



LETRA 'V'	
	MD
CM	
OR	Para frente
LOC	Espaço Neutro
MOV	Sem movimento
NM	1



SINAL 'VERDE'		
	MD	MND
CM		
OR	Para baixo	Para baixo
LOC	Dorso da mão passiva	Espaço neutro
MOV	Retilíneo curto repetitivo	Sem movimento
NM	2	



Fonte: elaborada pelos autores.

3.3 Aspectos lexicais

Sinais formados sem influência do português

Nesta análise, foi identificado um sinal para a cor verde que não possui influência do português. Esse sinal faz referência a um escarro, criando uma associação indireta com a cor verde (Figura 31). A distribuição desse sinal nos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul é mostrada no mapa (Figura 32).

Figura 31. Sinal para a cor VERDE na libras.



Vídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 106).

Figura 32. Mapa linguístico para a cor VERDE.



Fonte: Fischer (2024, p. 107).

Sinais formados com influência do português

O sinal para a cor verde, influenciado pelo português, foi formado por meio do processo de inicialização, utilizando a letra "V". O sinal apresentado (Figura 33), assim como os sinais correspondentes às cores preta, branca, marrom, roxa e cinza, pertence à mesma família do sinal CARVÃO, ou seja, está relacionado à ação de "passar carvão no dorso da mão". Esse sinal foi registrado na produção de surdos de 12 estados do Brasil, conforme mostrado no mapa (Figura 34).

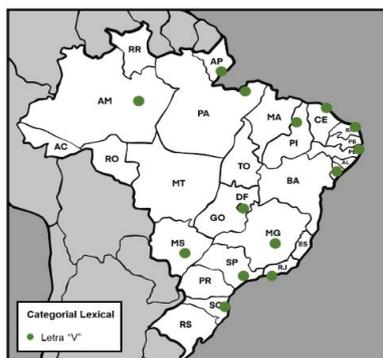
Figura 33. Sinal VERDE formado por inicialização.



Vídeo

Fonte: Fischer (2024, p. 114).

Figura 34. Mapa linguístico do sinal VERDE inicializado.



Fonte: Fischer (2024, p. 114).

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar os aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais dos sinais para a cor verde em libras. A análise abrangeu a variação e a estabilidade fonológicas; a estrutura simples e composta; e a ausência e presença de influência do português nesses sinais.

Em relação aos aspectos fonológicos, observou-se que o sinal VERDE, formado por inicialização, apresentou estabilidade fonológica entre as produções analisadas no que diz respeito à orientação da palma, ao ponto de articulação, ao movimento, ao número de mãos e ao contato com o corpo. No entanto, houve variações nas configurações das mãos e nas marcações não manuais. Já o sinal VERDE associado à cor do escarro manteve a estabilidade em quase todos os aspectos, com exceção do movimento da mão dominante.

No que diz respeito aos aspectos morfológicos, uma das variantes lexicais, aquela relacionada ao escarro, é simples. Já aquela relacionada ao sinal CARVÃO, é um composto simultâneo, formado por inicialização.

Por fim, em relação aos aspectos lexicais, foram identificados sinais com e sem influência do português. O sinal para verde que faz referência ao escarro não apresenta em sua constituição qualquer influência do português. Ele mimetiza o ato de escarrar, estabelecendo uma associação indireta com a cor do escarro. Em nossos dados, observamos este sinal na produção de surdos dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já a outra variante lexical para verde observada nos dados é formada com influência do português. Ela incorpora uma letra manual que faz referência à inicial da palavra escrita correspondente nessa língua, tal como sinais para outras cores, a saber, preto, branco, marrom, roxo e cinza. Essa variante foi atestada em produções de surdos de 12 estados do Brasil. Diferentemente de variantes lexicais para outras cores, precisamente branca e preta, não foram encontrados, entre os sinais para verde, empréstimos de outras línguas sinalizadas.

Referências

ADAM, R. Language contact and borrowing. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). Sign language: An international handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841– 861.

BATTISON, R. Lexical borrowing in American Sign Language. Silver Spring, MD: Linstok, 1978. 240p.

BRENNAN, M. Word formation in British Sign Language. Tese (Doutorado em Linguística), The University of Stockholm, Stockholm, 1990.

BERLIN, B; KAY, P. Basic Color Terms: Their Universality and Evolution. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 1969.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira. 2 ed. São Paulo, Edusp. p. 1479 – 1487. Vol. 1. 2001.

FISCHER, K. Estudo translinguístico da iconicidade lexical por meio da análise de sinais que designam cores. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

FISCHER, K.; MORALES, D.; GIBAUDANT, N.; XAVIER, A. N. Estudio comparativo de señas que designan colores en Libras y en LSA. Quintú Quimün. Revista de lingüística, n. 6 (2022): Q062, p. 1-27, 2022.

FISCHER, K. Análise de aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais de sinais de cores da libras. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

HANDSPEAK. A Sign Language Dictionary Online, 1995-2021. Disponível em: <http://www.handspeak.com>. Acesso em: 28 de abril.

HOCKETT, C. F. The Origin of Speech. Scientific American, v.203, p. 88–111, 1960.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. The Signs of Language. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MEIR, I. Word classes and word formation. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (org.). Handbook on Sign Language Linguistics. Berlin: Mouton De Gruyter, 2012, p. 365-387.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

QUADROS, R.; NEVES, B.C.; SCHMITT, D.; LOHN, J.; LUCHI, M. Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de; SILVA, J. B. da; ROYER, M.; SILVA, V. R. A Gramática da Libras. Rio de Janeiro: INES, v. 01, 2023.

STOKOE, W. C. Sign language structure. Silver Spring: Linstok Press [1960] 1978.

TAUB, S. F. Language from The Body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

WOODWARD, J. C.; DESANTIS, S. Two to One It Happens: Dynamic Phonology in Two Sign Languages. *Sign Language Studies*, v. 17, p. 329-346, 1977.

XAVIER, A. N.; AGRELLA, R. P. Brazilian Sign Language (Libras). In: JEPSEN, J. *et al.* *Sign Languages of the World*. DeGruyter, 2015, p. 129-158.

XAVIER, A. N.; BATISTA-SOUZA, C. O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em libras. *Cadernos do IL*, n. 65, p. 296-328, 2022.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v.30, p. 371-413, 2014.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da libras. *Domínios da Linguagem*, v. 11, p. 983-1006, 2017.

XAVIER, A. N.; FERREIRA, D. Análise morfológica de sinais da libras que nomeiam bairros de Curitiba. *Revista Letras*, v. 103, n. 1, 2021.

XAVIER, A. N.; FERREIRA, D. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 2, p. 349-382, 2021.